Para tomar juízo, aos 17 anos, rapaz foi trabalhar na empresa da mãe e, hoje, aos 48, é o proprietário

· Luiz Eduardo fez de tudo um pouco na fábrica de congelados da mãe. No fim da década de 80, acompanhou o boom da comida congelada no Brasil e tomou gosto pelo negócio

Recomendar 7 Twoot 4 +1 0

AMANDA WANDERLEY (EMAIL)
Publicado: 23/05/14 - 17h02 Atualizado: 23/05/14 - 17h18

Luiz Eduardo, aos 17 anos, ao lado da mãe Maria Alice e da sócia dela, Ana, na fábrica de refeições congeladas. O rapaz, que entrou para a equipe para ganhar responsabilidade, hoje tem 48 anos e é proprietário da Deep Freeze. Arquivo Pessoal

RIO — Nesses últimos dias, mostramos histórias de homens e mulheres que confiaram nos filhos o futuro de seus negócios. Em alguns casos, duas gerações de uma família se uniram para dar novo frescor à empresa e expandi-la, como na sorveteria e pizzaria Beijo e Beijo e na clínica de estética FRMicrocenter. Em outros, os pais fundadores resolveram diminuir o ritmo de trabalho ou mesmo se aposentar. E, para isso, passaram o bastão para seus herdeiros, como aconteceu com o quiosque e restaurante Pesqueiro e com a fábrica de massas Senza Segreti. Para encerrar a série "Tal pai, tal filho", vamos conhecer a história da Deep Freeze, a fábrica e loja de refeições congeladas e caseiras, há mais de trinta anos no mercado.

VEJA TAMBÉM
- Depois de muitas investidas, pai convence a filha a trabalhar com ele e vê o faturamento de sua lanchonete dobrar
- Menino cresceu junto com o quiosque dos pais e hoje é responsável pela gestão do negócio da família
- Tal pai, tal filho: a nova geração que administra negócios fundados pelos pais
- De tradutora à sócia do estúdio de beleza da mãe

Em 1980, Maria Alice Jardim se mudou para Paris com os três filhos para acompanhar o marido que trabalhava com exportação e importação de tubos petrolíferos. Chegando à Cidade Luz, a carioca imediatamente se surpreendeu com um choque cultural. Na França, não era comum ter empregada doméstica, e essa mão de obra por lá já era muito mais cara do que aqui. Única mulher de uma família masculina, na década de oitenta, Maria Alice poderia ter assumido todas as tarefas do lar, certo? De jeito nenhum!

Os tempos mudavam. E, para aproveitar ao máximo a efervescência parisiense, a dona de casa fez uma rotina de trabalhos e botou os quatro homens de sua vida para ajudá-la. Cada dia um tirava o lixo, o outro varria, o terceiro levava a roupa para a lavanderia e ela ensinava o básico na cozinha para todos. E foi na cozinha que ela descobriu uma facilidade que ainda não tinha chegado com força no Brasil e que ajudaria a garantir a boa convivência do lar: as refeições congeladas.

Dois anos depois, os Jardim voltaram para o Rio de Janeiro. Maria Alice continuava na condição de dona de casa que nunca tinha trabalhado fora, mas trouxe na bagagem a vontade de abrir um negócio. Quando soube que uma amiga de infância, a Ana, vinha fazendo sucesso na Tijuca com cursos em que ensinava a fazer comida congelada, Maria Alice lembrou da Picard, empresa tradicional francesa de produtos congelados, hoje centenária, a quem recorreu inúmeras vezes para alimentar a família. Apesar da promessa de praticidade, as alunas de Ana não queriam botar a mão na massa e insistiam para que ela aceitasse encomendas, mas Ana não podia bancar o investimento de montar sozinha uma fábrica. Foi aí que Maria Alice se uniu à amiga, e as duas abriram a Deep Freeze.

As amigas instalaram uma fábrica e uma loja no bairro da Zona Norte do Rio e recebiam encomendas de outras regiões, principalmente da Zona Sul. Na ocasião da abertura, a Deep Freeze recebeu um reforço controverso que viria a se tornar o futuro proprietário da marca. Aos 17 anos, Luiz Eduardo, filho do meio de Maria Alice, tinha acabado de ser expulso do turno da manhã da escola onde estudava. Para conseguir concluir os estudos, teve de ser transferido para o turno da noite, e a solução encontrada pelo pai para que o rapaz não passasse o dia na praia foi integrá-lo à equipe da empresa.

— Eu era um bom menino, mas era muito levado — diverte-se o hoje empresário Luiz Eduardo Jardim que, aos 48 anos, está à frente das seis lojas da rede Deep Freeze, às vésperas de inaugurar a sétima.

Luiz Eduardo fez de tudo um pouco. Atendia a clientela, aprendia a fazer os congelados, fazia contatos com os fornecedores, enquanto ganhava responsabilidade e a confiança da mãe e da amiga. No fim da década de 80, ele acompanhou o boom dos congelados no país e tomava gosto pelo negócio.

No ano 2000, a Deep Freeze tinha 18 anos, 13 funcionários, uma loja, um computador e duas sócias cansadas do ofício.

— Minha mãe e a Ana não queriam mais continuar com a fábrica e com a loja. Se hoje o empresário ainda encontra muita dificuldade para empreender, imagina em 2000, quando não existia o Simples Nacional, por exemplo. Elas não deixavam jamais de arcar com as despesas com funcionários e fornecedores, mas acumularam uma dívida forte com impostos e ficaram desestimuladas a prosseguir — recorda-se.

A solução seria vender a empresa para alguém que assumisse esse passivo. Luiz Eduardo se interessou pela empreitada. Ele contou com a ajuda financeira do irmão mais velho, pagou a dívida das fundadoras da Deep Freeze e passou a ser o proprietário da empresa de refeições congeladas.

— Elas ficaram felizes de ver que aquele sonho não ia acabar e teria continuidade através de alguém que elas conheciam bem e confiavam. Eu tinha 34 anos e estava me formando em administração, acreditava no potencial de crescimento da empresa. Uni-me a dois sócios, e começamos a planejar a expansão. Logo, com a abertura da segunda loja, crescemos 400%.

Atualmente, a Deep Freeze tem 32 anos, 88 funcionários, seis lojas, 42 computadores e três sócios sedentos por ampliar a rede com a abertura de franquias.

— Sem querer, a Picard, na França, foi o benchmark da minha mãe. Hoje, eles têm 1000 unidades. Nesse semestre, vamos abrir nossa sétima loja própria. Ainda vai levar um tempinho para nos igualarmos a empresa francesa, mas vamos chegar lá — sonha confiante.

De 2000 para cá, Luiz Eduardo e os sócios transformaram e melhoraram os processos da empresa. Uma das primeiras iniciativas foi a aquisição de uma câmara frigorífica.

— Até então, produziamos para atender uma demanda certa, mas, em eventos como carnaval, os pedidos aumentavam muito, e nós não conseguíamos atendê-los. Com a câmara, aos poucos fomos corrigindo essa equação — conta Luiz Eduardo que ainda profissionalizou o atendimento telefônico, ampliou de 100 para 320 o número de pratos disponíveis, implementou a linha light e passou a ofertar porções individuais ao invés de pratos para duas pessoas. — Tem muito solteiro por aí, e precisamos atendê-los. Fora que nem todos os membros de uma família têm o mesmo gosto — explica.

Recentemente, a Deep Freeze viu um filme se repetir. O filho do meio de Luiz Eduardo também precisava de uma dose de juízo e começou a trabalhar na empresa, primeiro como atendente. Hoje, com a aprovação de todos os sócios, Luiz Gustavo é supervisor de lojas. O jovem está para se formar em administração e sonha em abrir sua própria loja da marca.

— É claro que eu ficaria muito feliz que ele desse continuidade ao negócio que a minha mãe criou, mas ele é responsável pelas escolhas dele. E eu não estou sozinho nisso. Meus sócios e eu temos uma visão muito consciente de que queremos uma empresa profissional. Seja tocada por um filho meu ou por um filho deles ou mesmo por alguém que vier de fora, o importante é que ela siga com bons resultados. Minha mãe e a Ana têm muito orgulho de ver como estamos hoje. No futuro, quero ter também — deseja Luiz Eduardo.